



Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado

(Organizador)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

**Atena Editora
2019**

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
6 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-166-4

DOI 10.22533/at.ed.664191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume VI apresenta, em seus 31 capítulos, um conjunto de estudos acerca do papel político, histórico, urbanístico e geográfico nas modificação e construção dos espaços sociais modernos.

As áreas temáticas da ciência política e histórica nos faz entender o papel dos agentes públicos na construção social, bem como as modificações ativas, muitas vezes influenciadas por estas políticas, nos ambientes geográficos e urbanísticos atuais.

O contexto social contemporâneo é um reflexo das ações direcionadas pelas políticas de desenvolvimento regional e sustentável. Além das iniciativas estatais, observamos o papel da cooperação social no desenvolvimento regional e na formação de novas estruturas sociais e urbanísticas.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA RETÓRICA À ERÍSTICA DOS DISCURSOS DA SEPARAÇÃO DOS PODERES	
Álvaro Jáder Lima Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.6641911031	
CAPÍTULO 2	18
LEVANTAMENTO DO IMPACTO DA POLÍTICA PÚBLICA DE MICROCRÉDITO RURAL NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
João Batista de Oliveira	
Monica Aparecida Tomé Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911032	
CAPÍTULO 3	29
CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS NA POLÍTICA: A DISPUTA PAULISTANA ENTRE PSDB x PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2016	
Aryovaldo de Castro Azevedo Junior	
Fabio Caim Viana	
Hertz Wendel de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6641911033	
CAPÍTULO 4	44
OLIVA ENCISO: A PRIMEIRA DEPUTADA DE MATO GROSSO	
Dayane Freitas de Lourdes	
DOI 10.22533/at.ed.6641911034	
CAPÍTULO 5	61
ASSOCIATIVISMO, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO ESPÍRITO SANTO	
Anselmo Hudson Nascimento Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911035	
CAPÍTULO 6	77
REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS VOLTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO NORDESTE PARAENSE	
Suellen Lemes Freire Santos	
Márcia Brito da Silva	
Rosana Cardoso Rodrigues da Silva	
Romier da Paixão Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6641911036	
CAPÍTULO 7	84
A DINÂMICA DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PAU DOS FERROS NO ÂMBITO DO CRESCIMENTO DAS CIDADES: APRECIÇÕES	
Ana Paula de Queiroz	
Franciclécia de Sousa Barreto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	

CAPÍTULO 8	100
OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA SUL: UMA PLATAFORMA DE ACESSO ÀS INFORMAÇÕES REGIONAIS	
Juçara Spinelli Leonardo Mancia Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	
CAPÍTULO 9	111
MEIO AMBIENTE E SAÚDE: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL	
Edmeire Samali Alencar de Brito Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6641911039	
CAPÍTULO 10	123
<i>BRAZIL INSTRUMENTARIUM</i> : TIMBRE E IDENTIDADE CULTURAL	
Alice Lumi Satomi Lucas Benjamin Potiguara	
DOI 10.22533/at.ed.66419110310	
CAPÍTULO 11	138
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
DOI 10.22533/at.ed.66419110311	
CAPÍTULO 12	155
MACAÉ COMO CIDADE MÉDIA PELA ATRAÇÃO DE MOBILIDADES PENDULARES	
Célio Quintanilha Felipe Nascimento Lucas Maia	
DOI 10.22533/at.ed.66419110312	
CAPÍTULO 13	169
AUTOSSEGREGAÇÃO E ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO (SALVADOR, BA)	
Rinaldo de Castilho Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.66419110313	
CAPÍTULO 14	185
A ÁGUA QUASE MINERAL... QUEM QUER COMPRAR?	
Marlucia Ribeiro Sobrinho Adinoraide Oliveira dos Santos Ronaldo Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110314	
CAPÍTULO 15	199
CRIAÇÃO DO “ESPAÇO CAATINGA” E OS DESAFIOS DA ARBORIZAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Matheus Henrique Coutinho Bonfim Paulo Roberto Ramos Antonio Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66419110315	

CAPÍTULO 16	209
DO MANGUEZAL À COMUNIDADE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESCARTE CORRETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS	
Melissa Ferreira Santos Marcos Paulo dos Santos Maria Carolina Lima Farias Alexandre Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110316	
CAPÍTULO 17	216
CICLO DA MINERAÇÃO E FORMAÇÃO DE PEQUENAS CIDADES NA SERRA DO SINCORÁ-BAHIA: O EXEMPLO DE LENÇÓIS	
Dante Severo Giudice Michele Paiva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110317	
CAPÍTULO 18	229
O LICENCIAMENTO AMBIENTAL E A ANÁLISE ESPACIAL DOS POSTOS DE COMBUSTÍVEIS EM RIO VERDE – GO	
Andréa dos Santos Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110318	
CAPÍTULO 19	244
INICIATIVAS ESTATAIS FAVORÁVEIS AO INVESTIMENTO DA REFINARIA PREMIUM I E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BACABEIRA (MA): PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS	
Hellen Mayse Paiva Silva Antonio José de Araújo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110319	
CAPÍTULO 20	261
NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA “MALANDRAGEM” NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA	
Flavio Sampaio Bartoly	
DOI 10.22533/at.ed.66419110320	
CAPÍTULO 21	278
O IMPACTO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA URBANIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE CASO EM PAU DOS FERROS, RN	
Leandro Gameleira do Rego João Freire Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66419110321	
CAPÍTULO 22	295
PERSPECTIVAS SOBRE DESENVOLVIMENTO, ESCALAS E TRANSFORMAÇÕES EM SEROPÉDICA: O II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, O ARCO RODOVIÁRIO METROPOLITANO E OS CONDOMÍNIOS LOGÍSTICOS	
Gabriel Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110322	

CAPÍTULO 23	307
ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA DE OCRES VERMELHOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO ATLAS	
Luis Carlos Duarte Cavalcante Victor Hugo Gomes Tostes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110323	
CAPÍTULO 24	323
ENERGIAS RENOVÁVEIS: UM ESTUDO SOBRE UMA ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL	
Francisca Scarlet O'hara Alves Sobrinho Ítalo Ricardo dos Santos Luana Araújo Matos Vívian Moura da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66419110324	
CAPÍTULO 25	332
PRAÇA ZAGURY: JARDIM SENSORIAL COMO PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUITETÔNICO DE MACAPÁ –AP	
Leonardo Oliveira Galiano Manuella Dias Sussuarana	
DOI 10.22533/at.ed.66419110325	
CAPÍTULO 26	345
VERTICALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO: ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS NA PAISAGEM DO BAIRRO SANTA MÔNICA – UBERLÂNDIA (MG)	
Leandro Oliveira Silva Winston Kleiber de Almeida Bacelar	
DOI 10.22533/at.ed.66419110326	
CAPÍTULO 27	361
METODOLOGIA PARA INVESTIGAÇÃO DOS IMPACTOS DA INCORPORAÇÃO DO SISTEMA DE AQUECIMENTO SOLAR DE ÁGUA EM CONJUNTO HABITACIONAL NO MUNICÍPIO DE TUPÃ	
Waleska Reali de Oliveira Braga Camila Pires Cremasco Gabriel Ana Laura Klaic Mozena	
DOI 10.22533/at.ed.66419110327	
CAPÍTULO 28	373
INFLUÊNCIAS DOS PROJETOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE PARAISÓPOLIS	
Wagner de Souza Rezende Angélica T. Benatti Alvim	
DOI 10.22533/at.ed.66419110328	
CAPÍTULO 29	397
DIRETRIZES BIOCLIMÁTICAS PARA HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL	
Carolina Mendonça Zina Karyna de Andrade Carvalho Rosseti Luciane Cleonice Durante	
DOI 10.22533/at.ed.66419110329	

CAPÍTULO 30 410

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO SÍTIO ENTRADA DO CAMINHO DA CAIÇARA

José Weverton Lima de Sousa

Luis Carlos Duarte Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.66419110330

CAPÍTULO 31 443

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA E DIMENSIONAMENTO ASSOCIADO À IMPLEMENTAÇÃO DE PAINÉIS FOTOVOLTAICOS EM UMA EDIFICAÇÃO VERTICAL

Carlos Eduardo Pscheidt

Andréa Holz Pfitzenreuter

DOI 10.22533/at.ed.66419110331

SOBRE O ORGANIZADOR..... 428

BRAZIL INSTRUMENTARIUM: TIMBRE E IDENTIDADE CULTURAL

Alice Lumi Satomi

Universidade Federal da Paraíba, Depto. de
Educação Musical
João Pessoa - Paraíba

Lucas Benjamin Potiguara

Universidade Federal da Paraíba, Depto. de
Educação Musical
João Pessoa - Paraíba

RESUMO: Relato sobre o projeto em andamento “*Brazil Instrumentarium: timbre e identidade cultural*”, uma continuação do projeto “Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira”, iniciado em 2014, pela equipe de iniciação científica da linha Sons e territorialidades, do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Etnomusicológicos da UFPB. O projeto visa criar e dinamizar um banco de dados, ou acervo virtual, em forma lexicográfica e cartográfica, dos instrumentos musicais brasileiros, de uso popular, enfatizando os de construção artesanal, geralmente, da cultura oral. Para lidar com a diversidade e taxonomia das amostras, o suporte metodológico tem como ponto de partida a tabela organológica adotada pelo inventário do Museu de Bruxelas (MONTAGU et al., 2011). Num segundo momento o método da “cartografia temática” (TAYLOR, 1991) aliado com as cautelas de Seeger (1986), Kartomi (1990)

e Dournon (1992), prioriza uma perspectiva sociológica. Os verbetes trabalhados até o momento, resultantes da triangulação de material bibliográfico e/ou observação empírica são ilustrados por material iconográfico e fonográfico, de forma direta ou através de *links*, e estão sendo disponibilizados no acervo *Brazinst* do sítio eletrônico do Laboratório de Estudos <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/menu/acervos/acervo-brazinst>, lançado em maio de 2016. Além de acervo de consulta, aberto a atualizações contínuas através de intercâmbio científico, o espaço pretende contribuir nas discussões sobre a organologia, ou o timbre como fator de identidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Organologia brasileira. Timbre e identidade. Acervo virtual.

ABSTRACT: Report on the ongoing project “*Brazil Instrumentarium: timbre and cultural identity*”, which is a follow-up of the project “Availability of an organologic cartography of Brazilian culture”. The latter is carried out since 2014 by the crew of scientific initiation under the line Sounds and Territories from the research group Ethnomusicological Studies Laboratory of UFPB. The project aims to create and dinamize a data bank, or a virtual collection, in lexicographical and cartographical terms, of Brazilian musical instruments of popular use with particular emphasis on those of artisanal

production, generally tied to oral culture. In order to deal with the diversity and taxonomy of the samples, the methodological support is on the organological chart adopted by the inventory at Brussels Museum (MONTAGU et al., 2001). In a second moment, the method of “thematic cartography” (TAYLOR, 1991) alongside with the cautions of Seeger (1986), Kartomi (1990) and Dournon (1992) prioritizes a sociological perspective. The entries worked on up to now, which are consequences of a triangulation of literature and/or empirical observation, are illustrated by iconographic and phonographic material either directly or indirectly through links, and they are all available at the *Brazinst* Collection website (<http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/menu/acervos/acervo-brazinst>), which was launched in May 2016. Beyond the collection, which is open to continuous updates through scientific exchange, the website aims to contribute to discussions on organology, or the timbre as a factor of cultural identity.

KEYWORDS: Brazilian organology; Timbre and identity; virtual collection.

1 | ANTECEDENTES E BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Preliminarmente, seria válido expor a vinculação do projeto *Brazinst*, *Brazil Instrumentarium*, com outros anteriores, como por exemplo, no campo do acervo virtual, o Projeto de disponibilização do museu NUPPO – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular, da UFPB, entre 2006 e 2012. A opção pelo método da cartografia temática originou-se dos exercícios de elaboração de quadros sinóticos, pela coordenadora, para facilitar a visualização da classificação de Hornbostel-Sachs (1961), que utiliza até onze das subcategorias do sistema numérico Dewey. O primeiro quadro “Proposta de classificação dos idiofones brasileiros”, construído em 1995, foi retomado em 2006, para elaboração do banner “Breve ensaio por uma organologia brasileira”, exibido no III Encontro da ABET – Associação Brasileira de Etnomusicologia, realizado em São Paulo. Com base na revisão da literatura e na visita a acervos e eventos sobre as manifestações representativas da cultura popular brasileira, o quadro combinou o sistema de classificação atualizado por Geneviève Dournon (1992) e as descrições observadas nos registros seminais sobre instrumentos musicais, sobretudo, do dicionário de Mário de Andrade (1989), do capítulo de Renato Almeida (1942) e do catálogo de Helza Cameu (1979).

O quadro ampliado e acrescido de revisão de literatura, fundamentação teórica e metodológica desembocou no artigo sobre organologia brasileira (SATOMI, 2008). Variantes do artigo foram apresentados em encontros do ICTM (SATOMI, 2009; 2010a) e do INET – Instituto de Etnomusicologia da Universidade de Aveiro (2010b).

Como retomada do projeto iniciado em 2006, o plano de estudo do estágio pós-doutoral “Organologia das tradições musicais brasileiras” – realizado no *Musée des Instruments de Musique* (MIM), em Bruxelas, entre julho de 2009 e junho de 2010 – ampliou a bibliografia. Na ocasião obteve-se uma apreensão prática da metodologia organológica adotada pelo projeto MIMO – *Musical Instrument Museums Online*

<<http://www.mimo-international.com>> —, ao auxiliar a supervisora Anne Caufriez, no preenchimento da tabela do inventário da coleção indonesiana e latino-americana do museu. O projeto MIMO exhibe mais de 64 mil instrumentos pertencentes ao acervo de onze museus europeus, destacando-se os da Alemanha, Bélgica, Escócia, França, Inglaterra, Itália e Suécia.

Durante 2011, a pesquisa organológica prosseguiu, atualizando ou elaborando onze verbetes brasileiros da cultura indígena – como “*adjulona*”, *cangoêra*, *uruá* –, nordestina, como *sanfona* e “*zabumba*”, outras de herança africana, como *agogô*, “*atabaque*”, e lusitana, *caixa*, *cuica*, *onça*, *reco-reco*, *tamborim*, para o *Grove Dictionary of Musical Instruments* (LIBIN, 2014). Na licença capacitação, em 2012, o plano de trabalho intitulado “Organologia indígena: revisitando a bibliografia comentada de Mário de Andrade”, consultou suas 116 fichas organizadas em uma pasta denominada “Índios”, com a subdivisão “instrumentos” do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. Em cada ficha constam referência bibliográfica completa, fichamento e/ou citações, comentários e desenhos, remetendo o projeto à consultar também os livros indicados, lidos e anotados pelo autor.

O projeto *Brazinst* tem como suporte teórico principal a organologia, com viés etnomusicológico, e a cartografia temática. Esta última, da área de geografia, foi adotada desde a elaboração de tabelas no projeto de disponibilização, pois diante do volume de dados a elaboração de quadros sinóticos, tem buscado “aliar técnicas informáticas com cognição e análise, facilitando a visualização e síntese por parte do usuário” (TAYLOR, 1991, p. 4).

Valeria perfazer o percurso da organologia com seus deslocamentos de ênfases. A disciplina se firmou no campo da musicologia sistemática, entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, quando uma classificação dos instrumentos musicais mais abrangente e inclusiva, foi sistematizada através do catálogo de Victor Mahillon (1978), em 1880. Diante de uma coleção numerosa e diversificada, o curador do museu belga, resolveu classificá-la de acordo com os princípios construtivos e acústicos, estabelecendo como primeira divisão ou “classe”, a matéria vibrante principal: autofone, membrana, corda ou ar. Posteriormente, a dupla interdisciplinar Eric von Hornbostel e Curt Sachs (1961), da coleção de Berlim, atualizou, em 1914, o sistema tetrapartite de Mahillon, acrescentando os mecanofones e os eletrofones aos idiofones, membranofones, cordofones e aerofones – que se tornou o padrão da primeira subdivisão ou classe. Eles acrescentaram as subdivisões, chegando ao número de onze, deixando as em aberto para novos acréscimos.

Na segunda metade do século passado, com o crescente reconhecimento das ciências humanas já podemos encontrar a preocupação em incluir o estudo da “perspectiva sociológica do instrumento, do instrumentista e seu contexto”, conforme François-René Tranchefort (1980, p. 11). Essa perspectiva aponta para a possibilidade de situar um instrumento de uma maneira menos estática e isolada, mas fazendo parte da cultura (SATOMI, 2016, p. 89). Em seu artigo sobre a classificação de Hornbostel-

Sachs, Anthony Seeger problematiza a limitação do sistema para “responder às questões sobre o papel dos instrumentos [...], quem faz, quem toca, quando, onde, como e por quê” (1986, p. 175). A preocupação de Seeger está em consonância com os termos de Taylor sobre cartografia temática

deve existir uma clara conscientização de avaliá-la permanentemente em seu contexto social. Assim não basta responder à pergunta ‘onde’, [mas sim] às questões ‘como’, ‘por quê’, ‘quando’, ‘por quem’, ‘para quem’, ‘com que finalidade’ (TAYLOR, 1991 *apud* MARTINELLI, 2003, p. 16).

Absorvendo o âmbito da pesquisa apontada por Tranchefort, Seeger e Taylor – o contexto social, histórico, geográfico, procedência, usos e funções do instrumento – podemos chegar na seguinte acepção: Organologia é o estudo dos instrumentos musicais que compreende não apenas a classificação pelas propriedades físicas e acústicas, mas, também, o seu entorno espacial, temporal e humano.

Assim como Seeger outros pesquisadores problematizaram a classificação de Berlim. Geneviève Dournon (1992), por exemplo, adaptou a sistemática para realidade africana, omitindo as ramificações não existentes na cultura e criando outras. Margareth Kartomi (1990) classificou os instrumentos indonésios, de acordo com os valores internos da cultura estudada. Esses estudiosos argumentam que os sistemas de classificação são válidos dentro do quadro de seu grupo social.

No século XXI a uniformização de critérios de indexação tem como base a última revisão da sistematização de Hornbostel-Sachs, do *Consortium MIMO* (MONTAGU *et al.*, 2011) com base na atualização de Jeremy Montagu (2009).

No Museu de Bruxelas, para cada coleção há quatro arquivos de acordo com a primeira classe do sistema Hornbostel-Sachs. Cada arquivo é preenchido em programa Excel, para contemplar vários subitens, incluindo os dados contextuais após os acústico-musicais, obedecendo a sequência das subdivisões da revisão de Montagu. Nos primeiros dados constam a fonte sonora, a forma de extração sonora, a família instrumental, o formato principal e variantes, detalhes de construção, os componentes e suas características, o material e outras peculiaridades de cada instrumento. A estes dados a ficha do MIM acrescenta as dimensões do instrumento e outros dados musicais como tipo de conjunto, estilo, gênero. Entre os dados contextuais da ficha do museu constam a identidade da comunidade, o “nome genérico” (seria o ético), o “nome local” (êmico ou vernacular) e o da manifestação ou ritual, onde seja utilizado o instrumento. Há possibilidades também de incluir comentários de registros pioneiros, indicação de bibliografia, iconografia e fonografia.

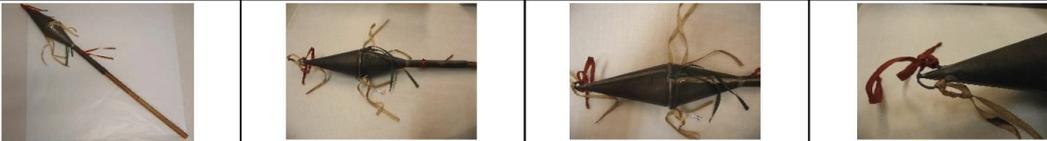
2 | MATERIAL E MÉTODOS

Para a padronização do armazenamento de dados o projeto *Brazinst* adota dois procedimentos: as fichas individuais e as tabelas organológicas, cuja base metodológica somam os critérios do MIMO, ou do MIM, sintetizando o *corpus* teórico principal, onde

predominam as reflexões da (etno)musicologia, apontadas anteriormente.

Na ficha individual (ver figura 1) poderá constar fotos em vários ângulos, anotando o nome genérico, sua classificação, com detalhes de dimensões – comprimento, largura, profundidade e peso –, descrição da estrutura física – matéria vibrante, forma de tocar, formato, componentes, materiais, etc – e de construção – técnicas e detalhes de formato, componentes externos, internos e ornamentação, com base na ficha de Líliam Barros (2007). A ficha do projeto *Brazinst* retoma e agrega a abordagem de Mahillon, que descreve os dados musicais, ou as possibilidades sonoras do instrumento, como a forma de tocar, âmbito, extensão afinação, timbre de cada instrumento.

MTC - COLEÇÃO MARIA THERESA CAMARGO

	
Nome local: Lança dos (es) pontões Outros nomes: maracá de lança	
Classificação: Hornbostel-Sachs (CHS) 112.13	
Acervo: Instituto de Estudos Brasileiros -USP Coleção de Artes Visuais	
Inventário: MTC0002	
Série: Instrumentos Musicais	
Data: 1989	
Procedência	Coletora: Maria Thereza Lemos Arruda Camargo
	Data: outubro 1976
Comunidade: quilombola da região do Seridó, no município de Pombal, PB	
Dimensões	Comprimento: 69,5 Largura: 6,5 Profundidade: 6,5 Peso: xx
	Outros detalhes: chocalho= 23,5 (comprimento) x 19 (perímetro circular); Cabo = 13,5 (compr) x 5,5-6,5 (per circ); extensor = 46,5 (-13,5 embutido=32,7) x 5,7 (per cir)
Descrição	Matéria vibrante: idiofone com corpo ôco de metal
	modo de tocar: a vibração sonora é obtida através da percussão indireta onde o corpo sonoro sofre um movimento do executante, que sacode o instrumento com uma das mãos segurando pelo cabo de madeira, e provoca o entrecchoque entre o objeto agente (pequenos objetos internos) e deste contra o objeto vibrante, a parede do recipiente de metal.
	Formato: cone duplo
	material(is): corpo e cabo em metal, possivelmente em folha de Flandres, sementes ou congêneres no interior do corpo, madeira maciça semi-torneada no cabo extensor e fitas de cetim como ornamentos
	Componentes: chocalho com pequenos objetos em seu interior, cabo e cabo extensor
	outros detalhes: o cabo de madeira é extensor do cabo do cano de metal, conservando o formato da empunhadura original. As seis fitas de cetim nas cores verde, vermelho e creme(ou branca?) estão amarradas em diversos pontos do corpo do instrumento.
Construção (detalhes formato, componentes externos, internos e ornamentação)	
A extremidade afunilada do cone de metal se encaixa para ser fixado com solda à um cabo de mesmo material, ôco, ligeiramente alargado na base. Após inserir os componentes internos no cone inferior, solda-se o cone superior, unidos pela extremidade mais larga. O cabo de madeira, provavelmente, após ser apontado na ponta superior é inserido no cabo de metal. Na ponta superior e na parte larga do cone são soldadas pequenas argolas que servem para amarrar as fitas. Na argola superior uma fita creme e outra vermelha; duas fitas creme e uma verde nas três argolas centrais. Consta mais uma fita vermelha envolvendo a solda do cabo de metal.	
Sonoridade	âmbito
	extensão
padrões estéticos ²	
Usos (cerimônia ou manifestação social e tipo de conjunto musical)	
Pontões, uma manifestação singular e remanescente das irmandades negras, cujos atores são quilombolas e “são quase todos da família Rufino, da zona rural” (ver Benjamin 1976). Tal grupo e os Congos marcam presença imprescindível nas procissões da véspera e para a missa da Festa do Rosário, da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, realizada no primeiro domingo do mês de outubro. A música é executada por um conjunto instrumental composta de pífano, caixas, triângulo, fole.	
Funções (papel, hierarquia social e musical)	

As lanças cujas pontas são maracás enfeitados de fitas multicoloridas, são usadas tanto para abrir caminhos na multidão durante a procissão, como para fazer figurações na dança e, principalmente, para marcar o ritmo de suas músicas (Satomi, Duarte 2010).
Simbolismo (representação): O grupo dos Pontões se apresenta em duas alas chamadas cordões nas cores “encarnado” e azul, mencionando os mouros e cristãos do episódio carolíngio.
Bibliografia histórica: Os negros dos Pontões constituem o grupo mais numeroso do folclore do Rosário de Pombal. [...] exibem-se em dois cordões, o encarnado e o azul. [...] Moram na zona rural, os mais velhos são pequenos proprietários e são "quase tudo da mesma família". A terra foi adquirida por herança, segundo o capitão Clóvis Rufino, dirigente do grupo. O acompanhamento é feito por uma banda cabaçal, constituída, de adufe, caixa, tambor, prato, fole e pífanos, além dos maracás de lanças. Os Pontões não cantam. [...] Dançam com belicosidade, parecendo ameaçar os circunstantes. [...] Apesar de "pela aguardente", não se vêem excessos, nem brigas (Benjamin 1978: 97-8).
Comentário: Na Festa do Rosário observei que os Pontões não apresentam entrecho dramático. Durante a procissão quem figura à frente dos Congos e dos Espontões é um integrante deste último vestido de vermelho. Vale lembrar a observação de Bastide (1974: 173) que no nordeste a encenação de mouros x cristãos funciona, paradoxalmente, como ritual de integração de grupos marginais. Assim o lado vitorioso poder ser também o dos “infiéis” do cordão encarnado. No caso os pontões são brincantes como o boi provocando a multidão.
Bibliografia: Bastide, Roger. 1974. <i>As Américas negras</i> , São Paulo: Difusão Européia do Livro. Benjamin, Roberto. 1976. <i>A festa do Rosário em Pombal</i> . João Pessoa: Editora Universitária UFPB Satomi, Alice; Duarte, Mariana. 2010. “Os pontões de Pombal”. <i>Anais do II Encontro da ABET Regional Nordeste</i> . João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba
Iconografia:
Fonografia:
Estado de conservação: Segundo ficha de 2005, O metal apresenta alguns pontos de oxidação (ferrugem) e um pequeno afundamento junto à área de maior diâmetro (central). Esses pontos de oxidação estão estáveis na sua maioria. Poucos apresentam uma coloração alaranjado clara que denota um processo de corrosão ativa. No entanto recebeu uma intervenção de atenuação dos pontos de oxidação ativa com escova de cerdas montada em microretífica (limpeza mecânica) seguida de limpeza química – swab embebido em acetona. Proteção final com Paraloid B72 (5% em xileno)
Sugestões: O instrumento encontra-se muito bem acondicionado em caixa de poliondas e leito de espuma de polietileno expandido. Periodicamente (a cada ano) tomar medidas preventivas contra a oxidação e infestação de térmitas e xilófagos. Para exposição sugiro substituir ou higienizar as fitas.

Figura 1 - Ficha organológica individual

O segundo momento, de preenchimento das fichas individuais inclui a digitalização dos dados de recolha, possivelmente, do nome do colecionador com identificação do número do inventário, dos dados de procedência (data e local de recolha, do nome do construtor ou proprietário do instrumento, comunidade); dos usos, verificando se há anotações relativas à utilização (cerimônia ou manifestação social e tipo de conjunto musical), técnicas e ferramentas de fabricação; funções (papel, hierarquia social e musical) e simbolismo (representações religiosas ou seculares para o grupo social).

Baseando-se nos troncos linguísticos das etnias indígenas apresentados por Ruth Monserrat (2000), e combinando o sistema de classificação sugerido por Geneviève Dournon (1992) com as peculiaridades observadas nos registros seminais dos verbetes – Andrade (1989), Almeida (1942) e Camêu (1979) –, a pesquisa caminhou para a construção da cartografia organológica. Na construção do quadro sinótico ou tabela organológica do projeto *Brazinst*, antes dos dados musicais, leva-se em conta os dados sociais como a proveniência do instrumento, tendo como ponto de partida a sua etimologia, lembrando que para cada divisão tripartida por predominância de herança cultural, respeitando a história do povoamento brasileiro (índigena, lusitana e africana). Posteriormente, utilizam-se os subitens aplicáveis da classificação descendente,

proposta por Sachs-Hornbostel (1961), Dournon (1992) e Montagu (2011). O quadro, elaborado de forma ascendente, concilia a forma de uma tabela taxonômica com um diagrama cujos conteúdos abrangem a inclusão de um instrumento por linha e os parâmetros ou itens de classificação por coluna.

Posteriormente, pretende-se adicionar os dados contextuais etnográficos das fichas aos dados presentes na tabela organológica. Dados do projeto MIMO como: nomenclatura étnica; outros nomes étnicos; identidade da comunidade ou grupo social; comentários, descrições; referências à bibliografia histórica; acervo ou coleção; fonte bibliográfica; fonte iconográfica e as dimensões.

Poderá também adicionar os usos e funções, incluindo tipo de conjunto, manifestação ou ritual, temos as possibilidades musicais, onde além do âmbito, extensão do instrumento, a exemplo de Mahillon (1978) podem ser acrescentados ritmos ou padrões estéticos, sugeridos por Seeger (1986). A região ou área cultural onde cabem os troncos lingüísticos, responde a pergunta “onde?”. A coluna da simbologia, cosmologia ou representações do instrumento, é um aspecto remarcado por Kartomi (1990).

Nas colunas restantes, poderão ser acrescentadas alguns dados relevantes tais como: fonte bibliográfica, referência à iconografia histórica; a numeração de Dournon (1992); links que possam remeter o visitante virtual aos outros registros gravados e que indiquem outros endereços eletrônicos, de estudos ou referências mais aprofundados; e, finalmente, as dimensões. A tabela organológica do projeto visa conter uma síntese dos aspectos essenciais da pesquisa, permitindo também acesso a outras publicações, através de links. Desta maneira, é possível reunir desde os dados das abordagens pioneiras sobre instrumentos indígenas — que contém registros notáveis como os de Karl Izikowitz (1934), Helza Cameu (1979), Manuel Veiga (1981), Elizabeth Travassos (1986) —, assim como de outros segmentos e até os mais recentes publicados em arquivos virtuais.

A pesquisa bibliográfica poderá atualizar a revisão de literatura em relação ao universo investigativo e complementar, ou esclarecer dúvidas quanto aos dados recolhidos na pesquisa documental e de campo — como classificação, procedência, usos, finalidades, variantes etimológicas e detalhes de construção. A (re)visitação em museus, acervos, ou bibliotecas, virtual ou presencialmente, contribuirá para preencher as últimas colunas da ficha para adicionar, por exemplo, após a fonte consultada em “bibliografia histórica”, um registro pioneiro, em “comentário”. E também, acrescentar links de interesse nas linhas “bibliografia”, “iconografia” e “fonografia”.

Caso necessite o trabalho poderá envolver a pesquisa de campo com artesãos, tocadores, alunos ou descendentes para esclarecer dúvidas e lacunas, buscando seguir as questões éticas e as cautelas da pesquisa qualitativa, abordadas por Mark Slobin (1992), Max Baumann (1989) e Howard Becker (1999).

Concluído o preenchimento das fichas e da cartografia organológica sucederá a elaboração do verbete, que sumariza e triangula os resultados das recolhidas de

cada instrumento pesquisado. Através do cruzamento de informações, mais material é coletado. A triangulação em dicionários, bancos de dissertações e teses, além do material de apoio, visa o conteúdo desde a descrição física, etimologia, usos e funções, variantes léxicas de acordo com a localidade, funções, ocasião, comunidade, função, todo tipo de informação será válida, inclusive proveniente também de entrevistas com instrumentistas, vídeos e imagens que exemplificam seu uso na prática. O conteúdo busca seguir o padrão utilizado na elaboração dos verbetes do *Grove's Dictionary of Musical Instruments* e a adição de comentários históricos e ilustrações se assemelha ao estilo das fichas ou dos verbetes sobre instrumentos do dicionário de Mário de Andrade (1989).

3 | RESULTADOS INICIAIS

Após a construção dos verbetes, ocorre a publicação na página do Acervo *Brazinst* no sítio eletrônico Laboratório de Estudos Etnomusicológicos – LABEET (<http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/menu/acervos/acervo-brazinst>) vinculado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), disponível desde maio de 2016.



Figura 2 - Página inicial do Acervo *Brazinst*

Tendo o contexto social como premissa para a pesquisa, a catalogação segue a diacronia dos instrumentos da cultura indígena, a herança portuguesa, africana e seus hibridismos.

Boa parte do tempo de produção foi investido em pesquisas nas obras de Renato Almeida (1942) e Helza Camêu (1979), direcionadas à cultura indígena. A pesquisa bibliográfica inclui os verbetes sobre instrumentos musicais dos dicionários de Mário de Andrade (1989) e Oneyda Alvarenga (1977), além de Luis da Câmara Cascudo

(2012). Seus relatórios vão além de descrições físicas, apresentando detalhes quanto ao contexto onde são utilizados e todos os elementos socioculturais envolvidos.

Nos três anos iniciais do projeto DCOB foi possível definir os caminhos teórico-metodológicos, organizar o sítio, desde a criação da logomarca (ver fig. 2) até disponibilizar setenta instrumentos musicais. Até meados de 2017 foram publicados no site 23 idiofones (ver fig. 3), 13 membranofones (ver fig. 4), 6 cordofones e 34 aerofones, ora com enfoque geral (Alves, 2015; Lima, 2015; Borba, 2016), ora destacando os instrumentos indígenas (Hauers, 2015; Melo, 2017), ora os da cultura nordestina (Seixas, 2016 e 2017).

Têm-se atualmente publicados no sítio os seguintes verbetes:

- Idiofones: *Adjá; Agogô; Bapo; bastões de ritmo; Caxixi; Cutõe, Dopa; Ganzá, I-u-e-ru; Lança de (es)pontões ou maracá de lança; Macumba; Maracá; Muruku; Mutomburé; Nhon-kon-ti; Pernanguma; Poári; Preaca; Reco-reco. Triângulo; Trocano; Xequerê; Yaxsã-ga*

Percutidos	Diretamente	Batidos	Bastões	Individual			<i>Dopa Triângulo</i>
				Agrupado			
			Placas	Individual			<i>Trocano</i>
				Agrupado			
			Tubos	Individual			<i>Bastões de ritmo</i>
				Agrupado			
		Recipientes	Sinos	Individual	Apoiados		<i>Cowbell Gonguê</i>
					Suspensos	Sem badalo	
			Agrupado			<i>Agogô</i>	
			Pedras				
	Indiretamente	Agitados ou Chocalhos	Recipientes	Por cordas			<i>Mutomburé</i>
				Por bastões			<i>Muruku</i>
		Raspados	Tubos				<i>Baje</i>
							<i>Reco-reco</i>
			Recipientes				<i>Macumba</i>
							<i>Preaca (flecha de índio)</i>
			Estalejados				
						<i>Adjá Bapo Caxixi Cutõe Ganzá i-u-e-ru Lança de (es)pontões Maracá Mineiro Nhon-kon-ti Pernanguma Poári Xequerê Yaxsã-ga</i>	

Figura 3 - Tabela organológica dos idiofones

Percutidos	Diretamente	semiesférico	individual		Ta-pa-dê	
			conjunto			
		tubulares	cilíndricos	pele única	aberta	Tambor Tambor grande Meião Crivador
					fechada	Alfaia Caixa de cacuriá Tambor Tambor de índio
			pele dupla	individual	Caixa Tarol Zabumba	
				conjunto		
		cônico		Atabaque		
		emoldurados	sem cabo	pele única	Pandeiro Tamborim	
				pele dupla	Adufe	
	com cabo		pele única			
pele dupla			Cabuletê			
Indiretos						
Friccionados	com bastão	inserido	fixado	Cuíca		
			semi fixo			
			livre de fixação			
	com corda	por movimento estacionário	pele única	Berra-Boi ou Roi-roi		
			dupla membrana			
	por movimento rotativo		Berra-Boi ou Roi-roi			

Figura 4 - Tabela organológica dos membranofones

- Membranofones: *Adufe*; *Alfaia*; *Atabaque*; *Cabuletê*; *Roi-roi* ou *Berra-boi*; *Caixa*, *Cuíca*; *Pandeiro*; *Tambor*; *Tambor de índio* ou *caboclinho*; *Tamborim*; *Ta-pa-dê*; *Zabumba*
- Cordofones: *Gualambo*; *Udecrá*; *Berimbau*; *Ka txo tse*, *rabeca*; *cavaquinho*
- Aerofones: *Adjulona*; *Aidjê*; *Apieti-Amu*; *Arandi*; *Awa-Tukaniwar*; *Awirare*; *Bedebo*; *Buê*; *Canaroarro*; *Cidupu*; *Dasmae*; *Dianari*; *Gaita de Índio* ou *Caboclinho*; *Hô-Hi*; *Ilapai*; *Ipona*; *Jaku-I*; *Kem-Ka-Ka*; *Mingo*; *Mipinacuari*; *Pio*; *Piron*; *Sanfona*; *Suribí*; *Tintabri*; *Tipi*; *Ualri*; *Taocino*; *Pana*; *Parapara*; *Paritadada*; *Perkwara*; *Tarawi*; *Yasmecerene*

4 | DESAFIOS

O sítio do *LABEET* possibilita a disponibilização dos verbetes, das fichas, tabelas mais completas de tais instrumentos – com exceção dos que estão em construção, que constam em vermelho nas figuras 3 e 4 – e dos contextos onde eles estão inseridos, com descrições físicas, musicais e detalhamentos sobre aspectos socioculturais e abordagens históricas.

Durante a pesquisa, algumas celeumas surgiram, quanto à classificação de alguns instrumentos brasileiros. Em concordância com o projeto MIMO, e vários autores como Mário de Andrade (1989) o *berimbau* foi classificado como cordofone, levando-se em consideração a matéria que produz o som (corda de arame) ao invés de considerar somente a percussão das baquetas. Autores como Kandus, Gutmann e Castilho (2006), desenvolveram artigos que tratam especificamente do assunto. Igualmente, o instrumento denominado “*rói-rói*”, na PB, ou “*berra-boi*”, em PE, apresentou algumas

divergências quanto à sua classificação. Alguns autores entendem que seu som é produzido através do seu atrito com o ar, assim classificando-o como aerofone. Outros identificam-no como cordofone, por entenderem que o som é produzido pelo atrito da corda na cavidade do suporte. Ao se debruçar sobre este dilema, percebemos que não pode ser considerado um aerofone, pois o som não é provocado pelo atrito com o ar, apenas uma das formas de tocá-lo é similar ao zumbidor. Tampouco pode ser considerado um cordofone, pois consiste de apenas um ponto fixo. O outro ponto é móvel. Identificamos, então, como membranofone, por entender que o som é produzido a partir da vibração da membrana do ressonador cilíndrico, onde se localiza a extremidade fixa da corda. Esta, normalmente, é um barbante, cuja extremidade móvel é responsável por provocar o som, através do atrito da corda no bastão de madeira com breu, seguindo o princípio semelhante ao da produção sonora da *cuíca* por fricção.

Tratando-se da cultura indígena, os instrumentos idiofônicos e membranofônicos estudados não apresentaram nenhuma divergência quanto à classificação apresentada pelos respectivos autores. Conforme já havia sido observado pela coordenadora (SATOMI 2008), não existem muitos exemplares de membranofones indígenas. Na pesquisa bibliográfica encontrou-se apenas um exemplar registrado por Helza Camêu. Com a predominância de idiofones, o estudo foi concentrado na variedade de chocalhos presentes no contexto dos índios. Almeida (1942), Cameu (1979) e Montardo (2002) escrevem a respeito da importância simbólica e representativa do maracá, principal variação de chocalho globular.

Outro fator que também é importante ressaltar é a escassez de instrumentos de cordas na cultura indígena e raros exemplos de cordofones brasileiros de influência africana, sendo esse número bem menor, se comparado aos cordofones brasileiros de herança portuguesa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por objetivo a divulgação da cartografia organológica através de rede eletrônica, com a possibilidade de atualização dos conteúdos, o projeto em questão busca contribuir no desenvolvimento de um espaço interativo que possua um banco de dados com amostras, que priorizam, inicialmente, a cultura indígena, assim como outras manifestações tradicionais de cultura oral, para depois incluir as minorias urbanas do Brasil.

Portanto, para cada verbete escrito, buscaram-se informações que vão além de características físicas. É de extrema importância, a compreensão dos elementos socioculturais que englobam a realidade de cada instrumento e o impacto gerado através destes aspectos nas comunidades que os utilizam. Logo, o endereço eletrônico do LABEET pode atender os que desejam iniciar uma pesquisa em várias dimensões,

desde o nível médio até pesquisas de pós-graduação, que tenham como foco as manifestações musicais com uso de instrumentos populares, além de possibilitar o intercâmbio com outros pesquisadores interessados no assunto.

O projeto almeja alcançar as outras regiões brasileiras, como já vem fazendo, através de interação com outras pesquisas em curso, mapeando cada instrumento em um sistema de classificação pré-estabelecido. Dessa forma, é possível a disponibilização de todo material reunido em rede eletrônica. O contato com pesquisadores de outras localidades proporcionará avanço no estudo organológico de outras regiões brasileiras, possibilitando acréscimo no conteúdo da página virtual do *Brazinst*, que poderá contribuir para futuras pesquisas, atendendo aos mais diversos níveis acadêmicos e interdisciplinares.

A possibilidade de disponibilizar virtualmente o acervo, além de disseminar rapidamente o resultado bibliográfico para o público geral interessado, sobretudo o acadêmico, poderá gerar novas pesquisas e aquisições de instrumentos e ser aberto a acréscimos e atualizações por pesquisas vindouras. Isso permite a continuidade na linha do “acervo vivo”, ou seja, de pesquisas gerando mais pesquisas, adotada no Projeto de Disponibilização do NUPPO.

Perfazendo a revisão de acervos de instrumentos musicais, nativos ou adotados pelas manifestações brasileiras, a existência e padronização de critérios organológicos ainda é rarefeita. Entre os acervos da cultura indígena, observou-se apenas a coleção da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro (CAMEU, 1987; TRAVASSOS, 1986), a de Curt Nimuendaju, no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (BARROS, 2007), e a do Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo (PINTO, 2001, p. 264). Em 2015 observou-se a criação do primeiro acervo, também disponível em rede eletrônica como o Museu Virtual de Instrumentos Musicais – <http://mvim.ibict.br/> – do Rio de Janeiro, cuja coleção não se limita ao Brasil, constando apenas uma “trompa indígena dos Carajás”, entre os aerofones. Já no exterior parece haver uma amostra razoável no Museu de Göterborg, em Estocolmo, recolhida por Karl Izikowitz, que publicou um estudo abrangendo a América Latina, em 1934. Dos onze museus integrados no MIMO – *Musical Instrument Museums Online*, constam alguns exemplares no museu etnológico, de Berlim, e *Horniman Museum*, em Londres, e raros exemplares, no de Bruxelas. No museu etnológico de Lisboa, há um farto material da cultura indígena brasileira, mas não foram observados instrumentos musicais, nem na reserva. Sobre os instrumentos resultantes da diáspora africana, figuram exemplares no Museu Afro-Brasil, em São Paulo, e na coleção de instrumentos tradicionais Emília Biancardi – <http://www.salvadorupdate.com.br/artes-visuais/colecao-de-instrumentos-musicais-tradicionais-emilia-biancardi/> acessado em 20/02/2017 – em Salvador, com mais de mil peças incluindo as indígenas e de outros países.

Desta forma, tendo em vista o material didático incipiente, registros incompletos dos instrumentos brasileiros, a escassez e incipiência de acervos específicos de instrumentos musicais da cultura das minorias – sobretudo no âmbito de universidades

–, somados às possibilidades modernas dos meios disponíveis de rápida disseminação, seria o momento oportuno e inadiável para a concretização do desenvolvimento de uma organologia em acervo virtual.

Ao organizar e disponibilizar um banco de dados organológicos das manifestações populares, aberto a revisões e atualizações, pretendemos contribuir para a uniformização de critérios para catalogação, classificação, indexação, controle, inventário e conservação de coleção de instrumentos musicais, além de propiciar visibilidade às minorias do país. A difusão do material através da disponibilização poderá fomentar a reunião, discussão e intercâmbio de pesquisas e estudiosos em torno do legado instrumental da cultura musical brasileira, em sua pluralidade e diversidade.

Foi observado que em muitas manifestações da cultura popular, o próprio tocador é quem constrói seu instrumento, frequentemente, a partir de materiais reciclados. Isso aponta a possibilidade dessa tradição ser repassada na educação musical. Através dos detalhes dos princípios acústicos e de extração sonora dos instrumentos abordados, o projeto poderá contribuir para indicar caminhos para a construção e recriação de instrumentos artesanais na sala de aula, estimulando a criatividade e temas transversais como a consciência ambiental, a recepção e apreciação da diversidade cultural e das minorias.

O timbre dos instrumentos musicais costuma ser um identificador, ou uma representação, de determinado grupo social ou manifestação da cultura popular. Se ouvirmos o timbre da viola dinâmica, do berimbau, da sanfona, dos pífanos e da gaita de índio, imediatamente, nos remete à paisagem sonora dos repentistas, da capoeira, do forró, da banda cabaçal e dos cabocolinhos, do nordeste. Considerando que a etnomusicologia estuda a música e o seu entorno humano, o timbre, com seus trânsitos e entrecruzamentos culturais, um dos resultados esperados é contribuir para as questões de contato, mudança e outras condutas sociais, como as de pertencimento, ou etnicidade, herança e adaptação cultural. Esta com menor ênfase, quando produto da música midiática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato C. *História da música brasileira*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Briguiet. 1942.

ALVARENGA, Oneyda. Marcondes, ed. *Enciclopédia da música brasileira: erudita, folclórica e popular*. São Paulo: Art. Ed. 1977.

ALVES, Adriano S. "Organologia dos idiofones e membranofones brasileiros". Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2015

BARROS, Líliam. *Arqueologia musical amazônica*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2007.

BAUMANN, Max Peter. "The musical performing group: musical norms, tradition, and identity." *The World of Music* 31/3: 80-113. 1989.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução de M. Estevão e R. Aguiar. 4ª ed. São Paulo: Hucitec. 1999.

BORBA, Helayne C. Instrumentos cordofones de uso popular. Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2016.

CAMEU, Helza. *Instrumentos musicais dos indígenas brasileiros*: catálogo da exposição. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Funarte. 1979.

CASCUDO, Luís C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Global. 2012.

DE ANDRADE, Mário. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte; Brasília; São Paulo: Itatiaia; Ministério da Cultura e Universidade de São Paulo, 1989.

DOURNON, Geneviève. "Organology". In *Ethnomusicology: an introduction*. The New Grove Handbook in Music. Edição de Helen Myers. New York: W. W. Norton. P. 245-89. 1992.

HAUERS, Felipe. Proposta de categorização dos instrumentos musicais da cultura indígena no Brasil. Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2015.

HORNBOSTEL Erich von;SACHS, Curt."Classification of musical instrument". Trad. de Klaus WACHSMANN, e Anthony BAINES. *The Galpin Society Journal*. Vol. 14, p. 3-29. 1961.

IZIKOWITZ, Karl Gustav. *Musical and other sound instruments of the South American Indians*. Göteborgs: Flanders Boktryckeri Artekbolag.1934.

KANDUS, Alejandra; GUTMANN, Friedrich Wolfgang; CASTILHO, Caio M. Castro. *A física das oscilações mecânicas em instrumentos musicais*: exemplo do berimbau. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2006.

KARTOMI, Margaret. *On concepts and classifications of musical instruments*. University of Chicago Press. 1990.

LIBIN, Laurence (ed.). *Grove Dictionary of Musical Instruments*. ed. 2ª ed. Oxford: Oxford University London; New York: Oxford. 2014. http://www.oxfordmusiconline.com/public/book/omo_gdmi Acessado em 20/02/2017.

LIMA, Wellington D. "Cartografia (etno)musicológica dos aerofones brasileiros". Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2015

MAHILLON, Victor-Charles. *Catalogue descriptif & analytique du Musée Instrumental du Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles*. 3ª ed. (1ª ed. 1880). Bruxelas: Les amis de la musique, 1978.

MARTINELLI, Marcelo. *Cartografia Temática: Caderno de Mapas* Vol. 47. São Paulo: USP. 2003.

MELO, Rayssa C. Perspectiva organológica dos aerofones de uso popular. Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2015.

MONSERRAT, Ruth M. Fonini. *Línguas indígenas no Brasil contemporâneo*. Índios no Brasil. 4.ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC. 2000.

MONTAGU, Jeremy. 'It's time to look at Hornbostel-Sachs again'. *Muzyka*, v. 1, p. 14-27. 2009.

_____. *et alii*. *Revision of the Hornbostel-Sachs Classification of Musical Instruments*. MIMO Consortium. 2011. Disponível em <http://www.mimo-international.com> Acessado em 15/10/2018.

MONTARDO, Deise L. Oliveira. “Através do *Mbaraka*: música e xamanismo Guarani”, tese em antropologia social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2002.

PINTO, Tiago de Oliveira. “Som e música: questões de uma antropologia sonora”. In *Revista de antropologia*. São Paulo: USP. P. 221-86. 2001.

SATOMI, Alice Lumi. “Vislumbrando uma organologia da música brasileira”. In *IV Enabet*. Anais... Maceió: Associação Brasileira de Etnomusicologia, 2008.

_____. A glimpse on a Brazilian organology. In *40th ICTM World Conference. Abstracts...* Durban: International Council for Traditional Music, 2009.

_____. Towards a Brazilian organology. In: 18th Meeting of ICTM Study Group in Historical Sources *Abstracts*, Vilnius: Methodological approaches to historical sources in ethnomusicology, 2010a. p. 8-9.

_____. Introdução à organologia da cultura brasileira. Ciclo de conferências em etnomusicologia e performance. Aveiro: INET, .2010b

_____. 2016. “Organologia, arquivos online e etnomusicologia”. In Diálogos disciplinares em etnomusicologia. II Encontro Regional da Associação Brasileira de Etnomusicologia [e] II Colóquio Amazônico de Etnomusicologia II Colóquio Amazônico de Etnomusicologia. *Anais...* Belém: LABETNO: GEMAM, 2016.

SEEGER, Anthony. Novos horizontes na classificação dos instrumentos musicais. (Arte índia). Coord. Berta Ribeiro. *Suma etnológica brasileira*. V. 3. Petrópolis: Vozes, p. 173-79, 1986.

SEIXAS, Gabriel R. “Instrumentos de percussão das tradições orais locais e regionais”; “Idiofones e membranofones das tradições orais”. Plano de pesquisa de Iniciação Científica do *Projeto de Disponibilização de cartografia organológica da cultura brasileira*. Coord.: Alice L. Satomi. João Pessoa: UFPB/CNPQ, 2016, 2017.

SLOBIN, Mark. Ethical issues. In *Ethnomusicology: an introduction*. The New Grove Handbook in Music. Edição de Helen Myers. Grove Handbooks in Music. New York: W. W. Norton, p. 329-336. 1992.

TRANCHEFORT, François-René. *Les instruments de musique dans le monde*. 2 vol. Paris: Editions du Seuil. 1980.

TAYLOR, D. R. F. A conceptual basis for cartography: new directions for the information era. *Cartographica*, Toronto, v. 28, n. 4, pp.1 a 8. 1991.

TRAVASSOS, Elizabeth. Glossário de instrumentos musicais. In: Berta G. Ribeiro. (Org.). *Suma Etnológica*. 1ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes / FINEP, v. 3, p. 180-187. 1986.

VEIGA, Manuel. *Toward a Brazilian ethnomusicology: Ameridian phases*. Tese de doutorado. Los Angeles: Universidade da Califórnia. 1981.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-166-4

